

A UNIVERSIDADE DE ESTAMBUL E A TRANSFORMAÇÃO DA TURQUIA

Um dos aspectos mais interessantes e de conseqüências fundamentais para a transformação radical por que passou a Turquia foi a reforma da Universidade de Estambul. A velha Universidade transformou-se em centro preparador e grande colaborador das reformas de Kemal Pachá, cujas diretrizes, à primeira vista, contraditórias, — nacionalismo e xenofilia, — deviam europeizar a velha e atrasada pátria otomana. Voltou-se a reforma turca à Europa, combatendo tudo o que vinha da Ásia porque fôra esta dominação, representada pelo maometanismo e pela língua árabe, a causa principal do baixo nível cultural em que sempre viveram os turcos.

Enzio Batalini, que foi testemunha dêstes primeiros anos de evolução cultural do país, afirmou que o Presidente da República não hesitou, um dia, de declarar que o dano maior do povo turco tinha sido o Império Otomano, durante cuja existência tinha êsse povo servido de braço secular ao Islam, derramando o seu sangue por uma religião que não lhe interessava. Daqui procedia o sacro furor dos kemalistas contra tudo o que de árabe e persa existia no idioma e nas diversas formas da civilização muçulmana. Era necessário começar pelos fundamentos e, assim, o alfabeto foi o primeiro ponto atacado: as letras árabes foram substituídas pelas latinas. O vocabulário teve de ser renovado, criando-se novas palavras, adotando-se outras com empréstimos necessários às novas idéias européias. Para tamanho empreendimento foi convocado o Primeiro Congresso Linguístico, em 1930. Dêste congresso saíram os novos programas da *Edebiyat Fakultesi*, isto é, da Faculdade de Letras. A filologia árabe e a persa, que formavam a base dos estudos linguísticos, foram reduzidas a uma cadeira única, de significância mínima. Ao contrário, a filologia turca se desdobrou em cinco cátedras: história da língua turca, história da literatura, gramática histórica, linguística geral e um curso especial de textos comentados. Como a reforma universitária tinha sido executada por professôres alemães, o estudo linguístico teve o aparato crítico e minucioso dos métodos germânicos. Assim, a cadeira de filologia foi eminentemente monográfica, dedicando-se cada ano letivo ao estudo de um dialeto turco: durante o ano de 1935 só se estudou o Uigur, do Turquestão, donde tiraram os filólogos a

maior soma de vocábulos, genuinamente turcos, que deviam substituir as palavras árabes e persas. A secção de línguas estrangeiras, — *Yabancı Diller Mektebi*, — compreendeu o alemão, o inglês, o francês, o italiano, o espanhol e o russo. O latim, na secção chamada *Romanologia*, teve grande importância, já por ser básico para os estudos das línguas românicas, já por ser necessário à compreensão dos empréstimos e neologismos de procedência européia. O curso de latim tem a duração de cinco semestres. Ao primeiro relance, parece-nos que os estudantes turcos deveriam encontrar grandes dificuldades no estudo desta língua, que parece o espantoso dos modernos reformadores dos estudos no Brasil. Mas, ao contrário, muitas semelhanças com o turco facilitam tal empreendimento cultural: as declinações, v. g., que constituem o pavor dos nossos preguiçosos estudantes, são fenômenos comuns e habituais aos de Estambul porque também, no turco, nomes e pronomes apresentam flexões muito parecidas às transformações casuais do latim. O infinito verbal pode ser comparado ao gerúndio latino e a anteposição do determinante ao determinado, na formação das palavras, é outro fenômeno igual ao da língua de Roma. Na sintaxe, a obrigatoriedade de colocar-se o verbo no fim da frase ccorresponde ainda a outra exigência da estilística latina. Quanto ao vocabulário há grande facilidade porque muito raramente se encontra, em Estambul, quem não possa expressar-se correntemente em três e mais idiomas latinos, o que não se verifica, por exemplo, na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Por tudo isto, o latim se apresenta na Universidade de Estambul como grande instrumento de cultura e de fácil aquisição.

A cadeira de espanhol oferece uma particularidade que muito interessa à filologia portuguesa: o estudo do judeu-espanhol; isto é, do antigo espanhol que era a língua dos israelitas expulsos de Espanha. A colônia israelita conserva esta língua até hoje, muito semelhante ao nosso português arcaico, mantendo o *f* que depois foi substituído por *h* (*fijo*, *foja* e não *hijo*, *hoja*), mantendo o *j* palatal e não gutural, como está em português. No vocabulário então as igualdades são numerosíssimas, ao ponto de se ter a impressão de ouvir a nossa língua e com aquêles valores que ainda mantemos no Brasil, já desaparecidos no Portugal moderno. Assim, há mais de vinte anos, quando simples estudante de exegese bíblica e de antiguidades orientais, por aí passando o nosso pranteado arcebispo Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, pôde facilmente manter palestra com êsses israelitas, falando o português do Brasil: a compreensão mútua foi perfeita.

O estudo do latim foi ainda necessário na Faculdade de Direito da Universidade por causa da grande reforma que neste ponto se operou. Todo o direito otomano, tinha fundamento religioso; os tribunais consulares eram estrangeiros; os tribunais das minorias eclesiásticas foram abolidos. Em seu lugar surgiu uma codificação

do direito moderno, com bases européias. O Direito Romano foi instituído para o estudo das fontes e como entender exatamente o Direito Romano sem conhecer latim? Isto é o que ainda não compreenderam os nossos "doutos" que se contentam com um conhecimento de quarta mão, obrigados pela sua ignorância do latim, a andar arrimados a outros autores sem nunca lhes ser possível fazer juízo seu, direto, cegos que são para as belezas da língua e da literatura de Roma.

Os estudos de história foram reformados completamente, dando-se ao ensino desta disciplina uma direção nacionalista e política de que resultava, em grandes linhas, a exaltação das transformações revolucionárias de Kemal e o denegrimto das instituições muçulmanas. Criaram-se as cadeiras de história antiga, medieval, islâmica, bizantina, do império otomano e de história geral contemporânea. A tudo isto foi acrescentada uma cátedra nova e original: história da revolução turca. Este curso tomou o aspecto de conferências, feitas sempre pelos mais ilustres chefes kemalistas, que prepararam e executaram a revolução.

Assim reformada a velha Universidade de Estambul, foi grande e essencial a sua atuação nas transformações por que deviam passar as inteligências dos jovens turcos com os quais e somente com eles poderia contar Kemal Pachá para a continuidade dos seus programas renovadores. Hoje que os anos se passaram e que parece consolidada a obra revolucionária da Turquia, já podemos apreciar os grandes efeitos dessa contribuição da Universidade que foi, com toda a força da expressão, quem deu a Kemal a certeza de que a sua obra continuaria e de que a Turquia seria reformada no que de mais profundo possuía: a inteligência e o coração. A aproximação cada vez maior da Turquia à Europa e agora aos Estados Unidos confirma a sabedoria que teve o grande reformador turco quando entregou aos mestres europeus o rejuvenescimento da Universidade de Estambul.

Muito mais importante do que a proibição do fez, do véu das mulheres, da música oriental, da poligamia, que só atingiram a exterioridade da civilização turca, foi esta atuação da Universidade que se dirigiu especialmente à cultura do povo, à sua integração nos moldes civilizados da Europa. Daí decorreram, por exemplo, a libertação da mulher, a sua elevação social, a sua igualdade política com o direito de voto, a regulamentação do matrimônio, o desenvolvimento das tendências artísticas dos pintores, escultores e arquitetos que se viram livres da proibição muçulmana de representar o corpo humano, a figura humana e de ater-se às linhas de um estilo arquitetônico mais bizantino do que realmente árabe. Naturalmente, a reação do elemento religioso foi muito grande e violenta bem como a dos velhos que se apegavam à atrasada língua árabe e aos obsoletos costumes islâmicos. As cátedras da Universidade mantiveram-se firmes e a mão forte do Governo conse-

guiu, por meio delas, renovar o pensamento moderno da Turquia, preparando as futuras gerações para a continuação reformadora do país. Estas gerações assim preparadas encontram-se hoje à frente de República Turca. Eis, pois, o que foi, em síntese muito abreviada, o grande papel da Universidade de Estambul na reforma da Turquia.

SILVEIRA BUENO

Professor Catedrático de Filologia
Portuguesa (U.S.P.).